

A AGRESSIVIDADE NA PERSPECTIVA DE JOVENS ATLETAS, DE SEUS FAMILIARES E TREINADORES

AGGRESSIVENESS FROM THE PERSPECTIVE OF YOUNG ATHLETES, THEIR FAMILIES AND COACHES

LA AGRESIVIDAD DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS JÓVENES DEPORTISTAS, SUS FAMILIAS Y ENTRENADORES

Matheus Pinheiro¹, Alberto Filgueiras² e Carlos Eduardo Nórté¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro/RJ, Brasil

² Central Queensland University, Cairns, QLD, Australia

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é conhecer a percepção de agressividade na perspectiva de jovens atletas, de seus familiares e de treinadores. Entrevistas semiestruturadas foram usadas para coletar dados qualitativos de quatorze participantes, seis jovens atletas de futebol, seis familiares e dois treinadores. A análise temática foi adotada como método de análise de dados. Foram encontrados quatro principais temas a partir da análise temática: acontecimentos nas arquibancadas, perspectiva de mães e de treinadores, fatores vinculados à agressividade e concepções sobre a agressividade. Diante da análise dos temas gerados a partir das entrevistas, pôde-se assumir que os entrevistados tinham noções prévias a respeito da diferença entre agressividade hostil e instrumental, tendo a maioria deles demonstrado aversão à hostilidade. Em nenhuma entrevista os participantes apontaram colegas de equipe como influentes para a agressividade, já os familiares foram indicados nas entrevistas como os agentes que mais exercem influência nos comportamentos hostis de jovens atletas.

Palavras-chave: Agressividade; Futebol; Jovem; Atletas; Análise temática.

ABSTRACT: The aim of this research is to understand the perception of aggressiveness from the perspective of young athletes, their families and coaches. Semi-structured interviews were carried out to collect qualitative data from fourteen participants, six young soccer athletes, six family members and two coaches. Thematic analysis was adopted as the data analysis method. Four main themes were identified from the thematic analysis: events in the stands, perspective of mothers and coaches, factors linked to aggressiveness and conceptions about aggressiveness. Based on the analysis of the themes generated from the interviews, it was possible to assume that the interviewees had prior notions regarding the difference between hostile and instrumental aggression, with the majority of them expressing an aversion to hostility. In no interview did the participants indicate teammates as influential factors in their aggressiveness, while family members were highlighted in the interviews as the agents that most influence the hostile behaviors of young athletes.

Keywords: Aggressiveness; Soccer; Young; Athletes; Thematic analysis.

RESUMEN: El objetivo de esta investigación es comprender la percepción de la agresividad desde la perspectiva de jóvenes deportistas, sus familias y entrenadores. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas para recopilar datos cualitativos de catorce participantes, seis jóvenes deportistas de fútbol, seis familiares y dos entrenadores. Se adoptó el análisis temático como método de análisis de datos. Del análisis temático se encontraron cuatro temas principales: acontecimientos en las gradas, perspectiva de madres y entrenadores, factores vinculados a la agresividad y concepciones sobre la agresividad. Dado el análisis de los temas generados a partir de las entrevistas, se podría suponer que los entrevistados tenían nociones previas sobre la diferencia entre agresión hostil y instrumental, la mayoría de ellos han demostrado aversión a la hostilidad. En ninguna entrevista los participantes señalaron que sus compañeros de equipo influyeran en la agresividad, mientras que los familiares fueron señalados en las entrevistas como los agentes que más influyen en la hostilidad de los atletas jóvenes.

Palabras clave: Agresividad; Fútbol; Joven; Atletas; Análisis temático.

Introdução

A agressividade é um comportamento que visa ferir uma pessoa ou destruir uma propriedade, produzindo uma ferida psicológica ou física (Bandura, 1973). No meio esportivo, porém, esse conceito pode ser mais bem compreendido a partir da classificação apresentada por Luciana Bidutte, Roberta Azzi, José Raposo e Leandro Almeida (2005), que qualificam a agressividade em duas categorias: a agressividade hostil, relacionada à ação em que o sujeito tem intenção de prejudicar o seu adversário; e a agressividade instrumental, que está relacionada à ação de alcançar determinadas metas, ainda que os adversários venham a se machucar no processo.

A modelação social é caracterizada como um método de aprendizagem ou modificação de comportamentos por meio de modelos, seja de forma intencional seja eventual (Costa, 2008). Através da modelação, o indivíduo pode adquirir atitudes, valores, formas de resolver problemas e até padrões de autoavaliação (Bee & Boyd, 2011).

Adriana Lacerda e Caroline Muniz (2019) afirmam que pais, treinadores, dirigentes, amigos e professores formam o grupo de pessoas a partir do qual a criança, durante o processo de iniciação no esporte, adquire suas aprendizagens. Segundo as autoras, a influência das figuras paternas é um elemento fundamental para a estruturação da personalidade da criança ligada ao esporte.

Joan Duda e Marta Guivernau (2002) concluem que colegas de equipe e treinadores exercem influência sobre a agressividade de jovens atletas, sendo o treinador o agente que exerce maior influência. O estudo mostrou que o atleta, quando diante de uma escolha moral, é altamente influenciado pela percepção de agressividade e trapaça que tem de seus treinadores, o que interfere na decisão do atleta para tomar atitudes agressivas e inapropriadas.

A perspectiva socioconstrucionista (Berger & Luckmann, 2003; Braun & Clarke, 2006) sugere que a realidade é construída a partir de interações e relações sociais. Em consonância, o sócio-historicismo (Melo & Peduzzi, 2007), enquanto posição epistemológica, sugere que as relações sociais e as modalidades interacionais se alicerçam em um conhecimento historicamente constituído.

Mário Barroso, Nívia Velho e Alex Fensterseifer (2005) ampliam o olhar sobre a internalização da agressividade no contexto esportivo a partir de uma perspectiva psicossociológica, na qual atravessamentos históricos, políticos e sociais com marcadores de diferenças e singularidades influenciam nesse fenômeno.

Partindo desses posicionamentos, esta pesquisa teve como objetivo realizar uma análise da compreensão do conceito da agressividade na perspectiva de jovens atletas, de seus familiares e de seus treinadores.

Metodologia

Em alinhamento com os objetivos do presente estudo, a metodologia considera o socioconstrucionismo e o sócio-historicismo como posições filosóficas fundamentais na interpretação das experiências vividas pelos indivíduos. Sendo assim, para compreender os principais temas emergentes nestas experiências sociais interacionais, optou-se por uma abordagem qualitativa, a análise temática (Braun & Clarke, 2006).

Participantes

Foi adotada a amostra não probabilística, por conveniência. Foram entrevistados seis jovens atletas, de escolha aleatória da comissão técnica dos clubes, suas mães e dois treinadores da categoria de base dos atletas. Totalizando quatorze participantes relacionados a dois grandes clubes do futebol carioca.

Todos os participantes preencheram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), os responsáveis pelos atletas assinaram ainda um TCLE para a aprovação das entrevistas com os participantes menores de idade.

A relação dos participantes da pesquisa, suas categorizações nos dados e algumas informações demográficas estão presentes na Tabela 1.

Tabela 1 - Categorização dos participantes da pesquisa

| PARTICIPANTE (SIGLA) | IDADE | TEMPO DE ATUAÇÃO NO CLUBE |
|--|---------|---|
| Treinador do time A (TREA) | 35 anos | 3 anos como treinador da categoria |
| Treinador do time B (TREB) | 34 anos | 3 anos como auxiliar técnico da categoria e 2 semanas como treinador da categoria |
| Atleta 1 do time A (ATLA1) | 13 anos | 3 anos e 8 meses |
| Atleta 2 do time A (ATLA2) | 13 anos | 4 anos |
| Atleta 3 do time A (ATLA3) | 13 anos | 4 anos |
| Atleta 1 do time B (ATLB1) | 14 anos | 1 ano e 6 meses |
| Atleta 2 do time B (ATLB2) | 14 anos | 6 meses |
| Atleta 3 do time B (ATLB3) | 14 anos | 1 ano e 4 meses |
| Familiar do atleta 1 do time A (FAMA1) | 41 anos | - |
| Familiar do atleta 2 do time A (FAMA2) | 41 anos | - |
| Familiar do atleta 3 do time A (FAMA3) | 48 anos | - |
| Familiar do atleta 1 do time B (FAMB1) | 49 anos | - |
| Familiar do atleta 2 do time B (FAMB2) | 37 anos | - |
| Familiar do atleta 3 do time B (FAMB3) | 44 anos | - |

Fonte: O autor, 2023

Procedimentos

Como instrumento de coleta de dados para esta pesquisa, fez-se uso da entrevista semiestruturada, contendo cinco perguntas-chave. Com a primeira pergunta buscou-se compreender o histórico de agressividade do indivíduo e suas características agressivas. A segunda e a terceira pergunta trouxeram informações sobre a aceitação da agressividade no contexto do futebol e sua relação com a competitividade. Na quarta pergunta foram coletadas as opiniões da amostra acerca da influência de familiares, treinadores e colegas de equipe para a eliciação de comportamentos agressivos. Com a quinta pergunta investigou-se a aceitação da agressividade verbal dos participantes e perspectivas sobre a agressividade instrumental, ela foi aplicada

apenas para o time B, pois foi formulada durante a qualificação, que ocorreu após a coleta de dados no time A e antes da coleta no time B.

As entrevistas foram realizadas nas dependências dos clubes e duraram, em média, trinta minutos.

Resultados e discussão

Para a análise dos dados qualitativos obtidos, foi utilizado o método de análise temática. Com a finalidade de seguir uma metodologia estabelecida e reconhecida, esta pesquisa seguiu o processo de análise temática dividida em seis fases, conforme proposta de Virginia Braun e Victoria Clarke (2006). As autoras afirmam que a análise temática envolve a identificação de temas ou padrões de significados em conjuntos de dados. A prevalência de um tema pode ser contada de formas diferentes, pode ser algo que aparece na maioria das entrevistas, algo afirmado por muitos participantes ou apenas por um número de participantes.

A principal exigência para que um tópico fosse considerado expressivo para a análise, foi o grau de relevância para a pesquisa, o qual foi atribuído pelos pesquisadores. Também foi usado como critério o número de vezes em que esse tópico foi abordado por diferentes participantes da amostra, tendo sido considerado tópico relevante apenas aqueles que foram citados por três ou mais indivíduos.

Todos os tópicos relevantes que foram considerados candidatos à posição de temas e os participantes que os abordaram podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 - Tópicos relevantes candidatos a temas e os sujeitos que os abordaram

| TÓPICO RELEVANTE | TREINADORES | FAMILIARES | ATLETAS |
|---|-------------|---|-------------------------------|
| Seriedade do jogo e comprometimento gera distância da agressividade | TREB - TREA | - | ATLA2 |
| Brigas, xingamentos e discussões nas arquibancadas | TREA - TREB | FAMA2 - FAMA3 - FAMB2 | ATLA2 - ATLA3 - ATLB2 - ATLB3 |
| A “maldade” como sinônimo de agressividade | TREA | FAMA3 | ATLB1 - ATLB2 - ATLB3 |
| A recusa da hostilidade e a alegação de ser não-agressivo | TREA - TREB | FAMA1 - FAMA2 - FAMA3 - FAMB1 - FAMB2 - FAMB3 | ATLA1 - ATLA2 - ATLB1 - ATLB2 |
| Benefícios e fatores positivos da agressividade | TREA - TREB | FAMA1 - FAMB1 | ATLA1 - ATLB1 - ATLB3 |
| A influência de questões familiares na agressividade | TREA - TREB | FAMA3 - FAMB1 - FAMB2 - FAMB3 | ATLA1 - ATLB1 - ATLB3 |
| Condições do jogo afetam na agressividade ou estresse de atletas | TREB | FAMA1 - FAMA2 - FAMB1 - FAMB3 | ATLA1 - ATLA2 - ATLA3 - ATLB1 |
| Acompanhar o filho apesar de não gostar de futebol | - | FAMB1 - FAMB2 - FAMB3 | - |
| Falta de contato entre familiares e treinadores | TREB | FAMA1 - FAMB1 - FAMB2 - FAMB3 | - |

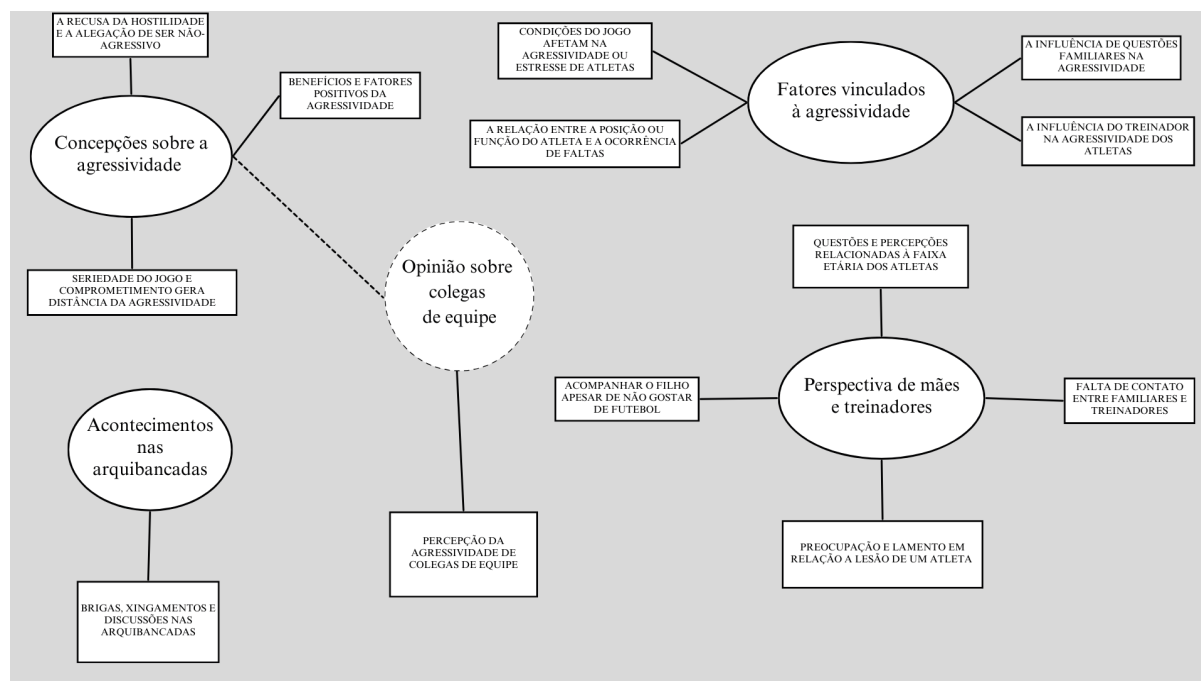
| TÓPICO RELEVANTE | TREINADORES | FAMILIARES | ATLETAS |
|--|-------------|-------------------------------|---------------------------------------|
| Preocupação e lamento em relação a lesão de um atleta | - | FAMB1 - FAMB2 - FAMB3 | - |
| Questões e percepções relacionadas à faixa etária dos atletas | TREB | FAMA1 - FAMB1 - FAMB2 - FAMB3 | - |
| A relação entre a posição ou função do atleta e a ocorrência de faltas | TREB | FAMA3 | ATLB1 - ATLB3 |
| A influência do treinador na agressividade dos atletas | - | FAMA1 - FAMA2 | ATLA1 - ATLA2 - ATLB2 |
| Percepção da agressividade de colegas de equipe | - | - | ATLA1 - ATLA2 - ATLB1 - ATLB2 - ATLB3 |

Nota: TREA = treinador do time A; TREB = treinador do time B; ATLA1 = atleta 1 do time A; ATLA2 = atleta 2 do time A; ATLA3 = atleta 3 do time A; ATLB1 = atleta 1 do time B; ATLB2 = atleta 2 do time B; ATLB3 = atleta 3 do time B; FAMA1 = familiar do atleta 1 do time A; FAMA2 = familiar do atleta 2 do time A; FAMA3 = familiar do atleta 3 do time A; FAMB1 = familiar do atleta 1 do time B; FAMB2 = familiar do atleta 2 do time B; FAMB3 = familiar do atleta 3 do time B.

Fonte: O autor, 2023.

A junção de diferentes tópicos relevantes em um tema mais amplo e a conversão de um único tópico em um tema próprio e específico, podem ser contemplados no mapa temático presente na Figura 1. Nesta ilustração, os tópicos relevantes são identificados dentro de quadrados, os temas são identificados dentro de círculos com bordas contínuas e os subtemas em círculos com bordas tracejadas.

Figura 1 - Mapa temático que apresenta revisão e refinamento de tópicos em temas.



Fonte: O autor (2023)

O tópico que fora descartado e que não faz parte do mapa temático, categorizado como “A ‘maldade’ como sinônimo de agressividade” não foi considerado tão relevante para esta pesquisa quanto os outros temas encontrados no processo de refinamento. Enquanto na etapa de releitura das entrevistas transcritas, pôde-se analisar que os entrevistados expressavam o termo “maldade” com o intuito de se referir à agressividade hostil.

Tema: acontecimentos nas arquibancadas

Um dos temas mais abordados pelos participantes e que, de maneira isolada, conseguiu apresentar relevância e frequência suficientes para ser considerado um tema específico, foi “acontecimentos nas arquibancadas”. Durante as entrevistas, esse tema manifestou-se na primeira pergunta-chave e, na maioria das vezes, apareceu como uma constatação de um episódio real em que os familiares dos atletas eram os protagonistas. Alguns atletas, quando questionados se seus familiares já haviam brigado ou se desentendido por causa de futebol, puderam relatar episódios de brigas e agressões nas arquibancadas: “Minha mãe com a outra torcida ... a mulher da outra torcida me xingou porque eu tinha me machucado, aí minha mãe brigou com a mulher” (ATLA3).

Tanto treinadores, quanto familiares e atletas puderam relatar momentos em que, nas arquibancadas, pais ou mães de atletas xingavam, discutiam ou até brigavam entre si enquanto assistiam a algum jogo de seus filhos. A frequência da aparição desse tema e a variedade dos indivíduos que o abordaram corroboram para a interpretação de que esse tipo de acontecimento seja comum nos jogos de atletas da base.

Algumas mães entrevistadas e que alegaram já terem se comportado dessa maneira, justificaram suas ações nesses episódios relacionando-os com uma emoção incontrolável e, por vezes, explicando seus sentimentos e suas motivações para esse tipo de comportamento, por exemplo:

Quem está ali na arquibancada vive esse momento às vezes de forma tão intensa como os atletas que estão em campo. Até porque estamos ali na condição de pai e mãe, né? Então a gente acaba vivendo aquela emoção e, falando por mim, é como se eu tivesse ali jogando pelo meu filho. (FAMA2)

É possível ainda considerar os elementos que servem como fatores promotores para os comportamentos agressivos desses familiares enquanto assistem às partidas dos jovens atletas. Pode-se considerar que quando uma mãe ou pai assiste a uma partida competitiva do seu filho, esse indivíduo está confiante em relação à vitória e alimentando expectativas otimistas dentro de si, e a mera esperança de um final favorável já é razão para um aumento das tendências hostis (Cabral et al., 2020).

Dessa forma, estando o indivíduo suscetível à agressividade hostil e à impulsividade por conta de sua expectativa positiva em relação ao resultado e desempenho do jovem atleta, pode-se compreender que certos fatores frustrantes podem colaborar para elicitación de comportamentos agressivos. É preciso destacar que, mesmo que nem sempre ela conduza ao comportamento agressivo, a frustração aumenta consideravelmente a probabilidade de agressão por conta do aumento de excitação e raiva (Weinberg & Gould, 2017).

Tema: perspectiva de mães e treinadores

Esse tema apresenta conteúdos abordados exclusivamente pelos treinadores e pelas mães, sendo esses os adultos da amostra.

Nesse tema, foi possível compreender um tópico que está associado à relação entre familiares e treinadores, em que observou-se certo distanciamento entre eles, o que foi justificado como proposital por um dos treinadores, porém, por parte das mães não houve maior aprofundamento no assunto.

Treinadores e mães destacaram explicações para certos comportamentos, ações e condutas dos atletas. Os entrevistados usaram a faixa etária dos atletas, combinando com elementos ligados à maturidade deles, como justificativa para suas percepções sobre como esses atletas lidam e expressam a sua agressividade.

Em alguns casos, afirmou-se haver uma relação negativa entre a idade do atleta e a agressividade, por exemplo: “Eu acho que eu tenho algo mais agressivo dentro de mim do que ele mesmo. Mas talvez isso seja porque ele é muito novo, né” (FAMA1). Em outros casos, a relação foi oposta: “Então isso dele ter alguma violência no futebol, eu acredito que é porque ele ainda é muito imaturo” (FAMB2).

Tais extratos das entrevistas evidenciam diferentes perspectivas dos participantes em relação à correlação dos conceitos de agressividade e maturidade ou idade. Porém, na literatura acadêmica pode-se observar resultados mais homogêneos acerca da relação entre personalidade agressiva e idade.

Vivian Bandeira e Denise Ramos (2020) afirmam que torcedores de futebol mais novos apresentam níveis de agressividade consideravelmente mais altos quando comparados com torcedores mais velhos. O estudo realizado por Tobias Greitemeyer (2022), que aponta uma relação positiva entre a agressividade atlética e traços de personalidade como psicopatia, maquiavelismo, sadismo e narcisismo, também pôde concluir que atletas mais velhos obtiveram pontuações menores nessas características de personalidade hostis.

Resultados semelhantes que relacionam idades menores de atletas com níveis mais altos de agressividade também foram encontrados por Özlen Keskin (2018), em uma pesquisa que investigou níveis de satisfação esportiva com agressividade e estresse. A autora afirma que, conforme os atletas vão ficando mais velhos e adquirindo mais experiências, eles vão aprendendo novas habilidades de redução de estresse e, dessa forma, diminui-se a frequência de comportamentos agressivos.

Ainda em relação ao tema referente à perspectiva dos adultos da amostra, pôde-se notar dois assuntos que foram de elocução exclusiva das mães dos atletas. O primeiro desses tópicos a ser detalhado é a questão dessas mães que, apesar de não se interessarem por futebol, acompanham a carreira dos filhos.

Yasmin Alves e Ana Paula Becker (2021), ao revisarem a literatura acerca do envolvimento parental e a prática esportiva, afirmam que as mães costumam expressar maior apoio emocional à criança. Além disso, as autoras ainda constataram que, em alguns dos artigos revisados, existiam relatos de mães que apoiaram emocionalmente seus filhos atletas, porém, se sentiram desvalorizadas por eles por desconhecerem as questões relacionadas ao jogo e não poderem opinar acerca de suas performances atléticas.

Outro tópico presente nesse tema amplo que foi abordado especificamente pelas mães de atletas de um único time, foi a questão do lamento e preocupação com lesões. Esse assunto

surgiu derivado das narrativas de um evento que aconteceu em um período próximo à coleta das entrevistas, em que um atleta sofrera uma lesão gravíssima.

A partir desse relato, as mães que abordaram esse assunto expressaram empatia pelo atleta que, ainda tão novo, havia sofrido uma falta que poderia acabar com o seu sonho de se tornar um jogador profissional. Elas também demonstraram empatia pelo atleta que cometeu a falta, demonstrando preocupação com a saúde mental do jovem atleta:

Foi angustiante pelo sofrimento do menino que chorava e sentia dor e pelo outro menino que estava estreando naquele dia. Nos primeiros minutos dele em campo, ele quebrou a perna do outro jogador. Eu me perguntava o que estava passando na cabeça daquele garoto. (FAMB3)

Algumas entrevistadas também relataram seus pensamentos e angústias ao imaginar o mesmo acontecendo com seus filhos, demonstrando uma certa angústia e prevenção em relação ao bem-estar dos jovens atletas. Isso expressa o maior envolvimento e preocupação das mães nos cuidados básicos do filho, o que pode ser explicado a partir de uma extensa construção histórica e cultural, na qual mulheres e homens desempenham comportamentos e papéis visando uma legitimação da expectativa social (Alves & Becker, 2021).

Tema: fatores vinculados à agressividade

Nesse tema foi possível analisar uma grande variedade de participantes que abordaram os mais diversos elementos que seriam condições que influenciam na agressividade dos atletas. Alguns participantes puderam fazer uma relação entre a ocorrência de faltas e a posição que o atleta ocupa. Esse tópico foi abordado após a segunda pergunta-chave do roteiro da entrevista. Em alguns casos, os entrevistados afirmaram que a incidência de faltas, ou o uso de agressividade instrumental, estaria mais vinculada aos defensores do que aos atacantes.

Os entrevistados também reconheceram fatores estressores e que podem interferir no atleta dentro de campo, podendo aumentar a probabilidade desse atleta de se estressar e de se comportar de maneira hostil. Alguns dos elementos citados foram: rivalidade entre equipes, pressão da torcida, placar apertado, número de faltas e comportamentos de jogadores adversários.

Entre alguns exemplos de falas em que fatores estressores do jogo foram abordados, pode-se citar uma mãe que afirmou: “De repente com a situação, uma rivalidade com um time, como um Fla-Flu da vida ... tem relação com o nível de arbitragem, tem relação também” (FAMA1). E, da perspectiva de um atleta, houve uma relação entre a ocorrência de faltas e o placar do jogo: “Se a gente tiver ganhando com uma vantagem grande a gente não vai fazer falta. Depende da situação” (ATLA3).

A questão da rivalidade, que foi o fator mais citado pelos entrevistados, pode ser compreendida como um fator que perpassa por questões históricas. Essa história pode estar relacionada com a instituição em si ou com a história pessoal dos próprios atletas. Dessa forma, segundo Cristiano Barreira e Thabata Telles (2019), uma rivalidade quando acirrada pode levar os atletas a uma disposição prévia aos conflitos, e até mesmo pode conduzi-los à organização planejada de comportamentos agressivos dentro e fora de campo. Segundo os autores, a partir da rivalidade é possível que um indivíduo se comporte de maneira violenta, apresentando comportamentos que não seriam tão facilmente reproduzidos em outras esferas sociais.

Em relação às ocorrências que podem gerar estresse aos jovens atletas, deve-se compreender que existe uma diversidade desses fatores que podem ser compreendidos como elementos estressores. Os elementos estressores são compreendidos como condições que causam um aumento no nível de estresse dos atletas, que afetam negativamente o seu desempenho e que estão relacionadas aos problemas profissionais, à ansiedade e à auto insatisfação (Bagni et al., 2020).

Na pesquisa realizada por Bagni e seus colaboradores (2020), os pesquisadores puderam apontar alguns elementos estressores presentes em atletas de tênis. Entre os achados, os principais elementos estressores encontrados foram: o clima competitivo, as atitudes de trapaça dos oponentes e os comentários negativos expressados pelos treinadores e pelos familiares. Sendo assim, é razoável considerar que esses elementos estressores experimentados por atletas de tênis sejam comuns também aos atletas de outras modalidades de esporte como, por exemplo, o futebol.

Ainda no mesmo tema, foram também incluídos tópicos em que os entrevistados comentaram sobre a influência de certos agentes na agressividade dos jovens atletas. Uma grande variedade de participantes discorreu sobre a influência das questões familiares na agressividade desses atletas.

Na maioria das entrevistas, os indivíduos afirmaram que atletas que se comportam de maneira hostil dentro de campo podem se comportar dessa maneira caso estejam passando por problemas familiares, ou se assim foram condicionados e ensinados por seus familiares próximos. Quando os entrevistados eram questionados sobre quem seria a pessoa que mais exerceria influência na agressividade dos atletas dentro de campo, era comum um tipo de resposta: “Acho que os pais. Porque os filhos são espelhos dos pais. Se você for agressivo com seu filho, dependendo do que você passa pra ele dentro de casa, ele também vai passar dentro de campo” (FAMA3).

Por outro lado, alguns atletas afirmaram que não se comportam de maneira hostil por conta da influência de seus familiares, afirmando que a família orienta a não optar por comportamentos agressivos. Um desses atletas, ao ser questionado com a mesma pergunta anterior, respondeu de maneira diferente:

Família, comigo é cem por cento família. Meu pai sempre me ensinou que jamais eu tenho que ser agressivo com ninguém, na disputa de bola não ir na maldade. Você vai disputar a bola, mas sem dar cotovelada nos outros, sem esse tipo de coisa. Minha mãe também sempre me ensinou a ser respeitoso. (ATLB1)

O último tópico a ser analisado dentro desse tema amplo é o que trata da influência do treinador na agressividade de atletas. Esse tópico foi abordado por poucos participantes em relação ao que trata da influência de familiares. Foram também apresentadas perspectivas positivas e negativas nessa relação. Porém, foi possível observar que, na maioria das entrevistas em que esse assunto foi abordado, a influência do treinador estaria atrelada à agressividade instrumental apenas.

Alguns entrevistados fizeram uma relação entre a agressividade e a influência do treinador, afirmando que o treinador seria um agente que teria como função orientar os atletas a não produzirem comportamentos hostis dentro de campo. Enquanto outros entrevistados afirmaram que os jovens atletas poderiam exercer comportamentos agressivos por meio da influência direta de seus treinadores, mesmo essa não sendo uma agressividade hostil, como relatou um atleta: “Querendo ou não, acho que o nosso treinador influencia a gente também a

pensar numa agressividade positiva. A maioria do nosso pensamento vem com o que a gente aprende no clube, então acho que sim” (ATLA1).

Enquanto outros entrevistados fizeram uma relação diferente entre os conceitos de agressividade e influência do treinador, afirmando que o treinador seria um agente que teria como função influenciar e orientar os atletas a não produzirem comportamentos hostis dentro de campo. Como disse a mãe de um atleta:

Por vezes os atletas têm muito reflexo do treinador. Eu costumo até dizer que, nessa categoria, eles são supertranquilos. São meninos que não se envolvem em confusão, não se envolvem em brigas dentro de campo. Então eu acho que isso é o que o treinador realmente passa pra eles. É uma tranquilidade, não tem necessidade de ser agressivo. Acho que tem que jogar bola, acho que o resultado você deve mostrar no futebol e não brigando dentro de campo, então eu acho que isso é reflexo do treinador mesmo. (FAMA2)

Adriana Lacerda e Caroline Muniz (2019) ainda reforçam que os pais e os treinadores são as principais pessoas que englobam o conjunto de indivíduos pelos quais as crianças desportistas obtêm seus conhecimentos e instruções. Os condicionamentos sociais e culturais expostos às crianças durante o seu desenvolvimento influenciam fortemente no processo de construção de personalidade, sendo assim, condicionamentos negativos podem gerar personalidade tímidas, inseguras, desconfiadas e até agressivas (Lacerda & Muniz, 2019).

Em concordância com essa perspectiva, o Modelo Geral da Agressão proposto por Johnie Allen, Craig Anderson e Brad Bushman (2018) sustenta que normas culturais que aprovam a violência, problemas familiares, pares violentos e conflitos grupais são alguns dos modificadores ambientais que aumentam a chance de desenvolvimento da personalidade agressiva. Além disso, o comportamento agressivo reproduzido por uma criança ou por um adulto é mais provável de ocorrer caso o indivíduo tenha recebido instruções parentais inadequadas ou se conviveu com familiares muito coercitivos (Allen et al., 2018).

Tema: concepções sobre a agressividade

Nesse tema, foi possível analisar as percepções dos entrevistados sobre o principal conceito dessa pesquisa: a agressividade. É importante ressaltar que dentro deste tema serão expostas opiniões e perspectivas distintas acerca da agressividade e de suas funções, demonstrando uma grande diversidade de concepções dentro de um mesmo tópico.

O primeiro tópico a ser analisado é o que se refere à seriedade e ao comprometimento, e como esses aspectos geram distância da agressividade. Poucos indivíduos abordaram esse tópico, porém, o que se fez interessante foi que ambos os treinadores entrevistados abordaram esse tema. Os entrevistados afirmaram que, por conta do ambiente competitivo, governado por leis rígidas, sérias e ocupado por atletas centrados, os comportamentos relacionados à agressividade hostil eram menos frequentes.

O controle da agressividade relatada por esses entrevistados pode ser explicado pela previsão das consequências dos comportamentos, pois, segundo Christian Haag Kristensen, Juliane Silveira Lima, Mirela Ferlin, Renato Zamora Flores e Patrícia Hauschild Hackmann (2003), os indivíduos que aprenderam comportamentos agressivos podem fazer uma antecipação da recompensa ou da punição que decorrerá da ação agressiva. Dessa forma, é possível que os indivíduos

possam restringir seus comportamentos agressivos temendo pelas punições e consequências negativas acarretadas pelas normas estabelecidas no futebol, como cartões e suspensões.

Neste tema foi possível compreender o tópico que trata a respeito da recusa da hostilidade e a alegação de ser não agressivo. Cabe ressaltar que esse foi o assunto mais presente em todas as entrevistas, sendo abordado por todos os treinadores, por todas as mães e por quatro dos seis atletas. O fator de maior relevância que pôde ser observado foi que, em todas as entrevistas em que esse assunto surgiu, os jovens atletas foram classificados e considerados pessoas tranquilas e não agressivas.

Foram comuns frases e alegações como: “Sou muito tranquilo, ... não fui criado pra xingar ninguém” (ATLB1) e “Sou muito da paz” (ATLA1). E, por parte das mães, ocorreram também semelhanças nas citações quando discorreram sobre o histórico de agressividade de seus filhos: “O perfil do meu filho é ser mais tranquilo...” (FAMA1) e “Ele é um menino muito tranquilo, até ri dependendo da situação” (FAMB3).

A concepção de autoconceito pode ser relacionada com o fenômeno dos atletas se declararem “tranquilos” e “da paz”. Segundo Guilherme Gasparotto, Thaynara Szeremeta, Gislaiane Vagetti, Tania Stoltz e Valdomiro Oliveira (2018), o autoconceito pode ser compreendido como a percepção que o sujeito tem de si mesmo a partir de um ideal projetado socialmente. Sendo assim, é possível compreender que esses atletas não queiram ser associados à agressividade, visto que essa é uma conduta que gera prejuízo social e que não é socialmente aprovada.

Uma interpretação semelhante pode ser feita referente às mães e aos treinadores que afirmaram que os atletas não possuíam personalidades agressivas, é possível que esses agentes mantenham discursos que os afastem da imagem de alguém que promova a agressividade nos jovens atletas. Dessa forma, é provável que a perspectiva que esses indivíduos têm a respeito da agressividade dos jovens atletas, esteja relacionada com os seus próprios autoconceitos.

Ainda dentro do tema amplo anterior, pôde-se situar um tópico em que os indivíduos puderam alegar benefícios e fatores positivos da agressividade que, na maioria das vezes, surgiu após a terceira pergunta-chave. Nesse tópico, os entrevistados puderam fornecer suas perspectivas a respeito de vantagens e proveitos que teriam a partir da reprodução de comportamentos agressivos. Os participantes conseguiram criar uma relação entre essa perspectiva de agressividade benéfica e valências como: imposição, defesa, virilidade, postura, combatividade e competitividade.

É interessante analisar que os técnicos, por exemplo, trouxeram um discurso sobre fatores positivos da agressividade relacionando aspectos técnicos do jogo. Quando foi questionado acerca da utilidade da agressividade no futebol, um dos técnicos afirmou:

Tem que ser competitivo, o jogo é competitivo. Se você não for competitivo, você não consegue seus objetivos, que é a vitória. Então, a gente tem alguns tipos de competição, uma delas é a técnica, outras são os aspectos mentais e combativos. O jogador de futebol que não é combativo, ele não consegue alcançar o alto nível. (TREB)

A perspectiva desses entrevistados acerca dessa agressividade que apresenta fatores positivos coincide com a agressividade instrumental em certos fatores, tais quais: é motivada pela intenção de se alcançar um objetivo, não é canalizada pela raiva e é planejada pouco tempo antes de ser executada (Fanning et al., 2019).

Dentro do subtema “opinião sobre colegas de equipe”, nas entrevistas com os atletas, percebeu-se que há uma variedade de opiniões. Alguns atletas afirmaram suas percepções dizendo

que seus colegas de equipe não são agressivos e não costumam expressar comportamentos relacionados à agressividade hostil. Como disse um atleta, afirmando que: “Da minha categoria não tem muito moleque maldoso não” (ATLB2).

Por outro lado, alguns atletas tinham percepções contrárias, esses disseram que tinham companheiros de equipe muito agressivos que, de maneira contumaz, reproduziam comportamentos hostis dentro de campo. Um dos atletas, por exemplo, contou sobre um colega de equipe em específico: “Ele antigamente brigava e tinha vezes que, na maldade, pisava no pé dos adversários que estavam no chão. Ele batia, pisava e tudo mais” (ATLB1). Em todos os casos em que os atletas proferiram suas perspectivas sobre seus companheiros de equipe, eles também afirmavam os seus julgamentos quanto às atitudes de seus companheiros.

Justin Worley, Sebastian Harenberg e Justine Vosloo (2020) dissertam sobre o conceito de coesão de equipe, que pode ser caracterizado como um processo dinâmico que está associado à tendência do grupo de permanecer unido e de buscar objetivos em comum. Os autores ainda afirmam que a coesão grupal pode ser abalada quando a pessoa percebe que sua identidade como indivíduo participante do grupo não está de acordo com a identidade social do grupo.

Dessa maneira, pode-se compreender que as normas grupais de uma equipe em relação à agressividade também estão submetidas a essa lógica. Um atleta que afirma não ter uma personalidade hostil e violenta pode se sentir deslocado da equipe se, em sua concepção, a sua equipe segue princípios e normas pró-agressividade. Por outro lado, esse atleta poderia se sentir mais satisfeito e pertencente ao grupo se ele identificasse que a identidade social do grupo se encontra em concordância com a sua identidade como indivíduo.

Conclusões

O presente trabalho indica que a internalização da agressividade a partir da perspectiva de jovens atletas, mães e treinadores é marcada por atravessamentos socioculturais, que constituem marcadores de diferenças na percepção do fenômeno. Atravessamentos de gênero, raça, nível socioeconômico, dentre outros, estruturam a forma subjetiva dos entrevistados de compreender a agressividade no esporte.

Porém, conclui-se que, entre os participantes, algumas opiniões e perspectivas sobre a agressividade no futebol são parecidas. Alguns dos entrevistados apresentaram noções a respeito da diferença entre comportamentos relativos à agressividade hostil e instrumental. Isso reflete a perspectiva socioconstrucionista adotada nesta pesquisa de que as interações sociais são a principal fonte de constituição da realidade e da compreensão sobre a realidade (Berger & Luckmann, 2003).

Os entrevistados, em certos casos, sentiram até mesmo dificuldade em tentar nomear os conceitos, e apontar as diferenças entre os dois tipos de agressividade. Porém, todos os entrevistados que se pronunciaram sobre o tema “concepções sobre a agressividade” conseguiram expressar que existia uma diferença entre uma agressividade “boa” e uma agressividade “ruim”, o que coaduna com o conceito de agressividade de Bidutte et al. (2005).

Foi identificada a presença de discursos que afirmavam que familiares e treinadores desempenhavam certo fator de influência na agressividade dos atletas, porém, não surgiu em nenhum momento, por parte de nenhum dos participantes de qualquer categoria, discursos e falas que confirmassem a influência dos colegas de equipe. Dentre todas as entrevistas, apenas

dois entrevistados apresentaram, em seus discursos, uma relação positiva entre a influência do treinador e a agressividade hostil dos atletas, outros entrevistados que abordaram a influência do treinador puderam fazer uma relação desse tipo de influência com a agressividade instrumental. Dessa forma, compreende-se que, para a maioria dos participantes que trataram desse assunto, o treinador estaria mais relacionado com a instrução, mesmo que não explícita, de uma agressividade útil, necessária ao jogo e que não está associada à hostilidade ou violência.

Por outro lado, seis de todos os entrevistados asseguraram uma relação positiva entre a influência de familiares com a reprodução de comportamentos agressivos hostis dos jovens atletas. Entre os entrevistados que afirmaram essa associação estavam treinadores, atletas e até mesmo as próprias mães. Esses achados consolidam a noção de que a família é o principal ator social (Lacerda & Muniz, 2019), tanto construindo a visão dos jovens atletas sobre agressividade quanto sendo a instituição histórica que lhes apresenta o conceito, reforçando o que a episteme sócio-historicista argumenta.

Espera-se que com os resultados provenientes da presente pesquisa, futuros estudos possam ser idealizados e realizados. Pesquisas que venham a investigar os fenômenos das brigas em arquibancadas da torcida, comuns no Brasil, podem ser de grande utilidade, visto que esses ocorridos se fazem frequentes nas arquibancadas segundo os relatos dos entrevistados. É de grande importância que se realizem pesquisas sobre as percepções das mães de jovens atletas em específico, visto que nesse estudo a ocorrência dessa personagem foi uma surpresa que expressa a sua presença e influência nos cuidados do jovem atleta. Assim como se faz necessária, principalmente, a continuidade de pesquisas acerca da agressividade em geral e de seus elementos preditores nos diversos âmbitos e domínios, principalmente abordando a família como possível fator influenciador.

Referências

- Allen, Johnie, Anderson, Craig & Bushman, Brad (2018). The general aggression model. *Current Opinion in Psychology*, 19(19), 75-80. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.034>
- Alves, Yasmin & Becker, Ana Paula (2021). Prática esportiva e relacionamento familiar: uma revisão da literatura. *Pensando Famílias*, 25(2), 31-47. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200004&lng=pt&tlng=pt
- Bagni, Guilherme, Morão, Kauan Galvão, Verzani, Renato Henrique & Machado, Afonso Antonio (2020). Agentes estressores e o enfrentamento de problemas em tenistas e mesatenistas universitários. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 18(2), 39-43. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n2.p39>
- Bandeira, Vivian & Ramos, Denise (2020). Aspectos sociodemográficos relacionados à agressividade e ao fanatismo em uma torcida de futebol. *Psicologia Revista*, 29(1), 246-272. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p246-272>
- Bandura, Albert (1973). *Aggression: a social learning analysis*. Prentice-Hall.
- Barreira, Cristiano & Telles, Thabata (2019). Reflexões sobre a violência no esporte. In Rubio, Katia, Camilo, Juliana et al. *Psicologia Social do Esporte*, 79-103. Kepos.
- Barroso, Mário, Velho, Nívia, & Fensterseifer, Alex (2005). A violência no futebol: revisão sócio-psicológica. *Rev. Bras. Cine. Des. Hum.*, 7(1), 64-74. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/3785>
- Bee, Helen & Boyd, Denise (2011). *A criança em desenvolvimento* (12a ed). Artmed.
- Berger, Peter & Luckmann, Thomas (2003). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (23a ed). Vozes.
- Bidutte, Luciana de Castro, Azzi, Roberta Gurgel, Raposo, José Jacinto Vasconcelos, & Almeida, Leandro (2005). Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. *PsicoUSF*, 10(2), 179-184. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712005000200009&lng=en&tlng=pt
- Braun, Virginia & Clarke, Victoria (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cabral, João Carlos Centurion, Corrêa, Mikael Almeida, das Neves, Vera Torres, Dias, Ana Cristina Garcia, & de Almeida, Rosa Maria Martins (2020). Do otimismo à agressão: cognições positivas preveem comportamento violento em homens. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 38(1), 203-217. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6853>
- Costa, Anna Edith (2008). Modelação. In Bandura, Albert; Azzi, Roberta Gurgel; Polydoro, Soely et al. *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp.123-148). Artmed.
- Fanning, Jennifer, Coleman, Morgan, Lee, Royce & Coccaro, Emil (2018). Subtypes of aggression in intermittent explosive disorder. *Journal of Psychiatric Research*, 109, 164-172. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6699742/>
- Gasparotto, Guilherme, Szeremeta, Thaynara, Vagetti, Gislaine, Stoltz, Tania & Oliveira, Valdomiro (2018). O autoconceito de estudantes de ensino médio e sua relação com desempenho acadêmico: uma revisão sistemática. *Revista Portuguesa De Educação*, 31(1), 21-37. <https://doi.org/10.21814/rpe.13013>
- Greitemeyer, Tobias (2022). The dark side of sports: personality, values, and athletic aggression. *Acta Psychologica*, 223, 103500. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103500>
- Guivernau, Marta & Duda, Joan (2002). moral atmosphere and athletic aggressive tendencies in youth soccer player's. *Journal of Moral Education*, 31(1), 67-85. <https://doi.org/10.1080/03057240120111445>
- Keskin, Özlem (2018). Effect of sports satisfaction on aggression and stress in judokas and

swimmers. *Journal of Education and Training Studies*, 6(6), 31-40. <https://doi.org/10.11114/jets.v6i6.3142>

Kristensen, Christian Haag, Lima Silveira, Juliane, Ferlin, Mirela, Zamora Flores, Renato, & Hackmann Hauschild, Patrícia (2003). Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8, 175-184. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100020>

Lacerda, Adriana & Muniz, Caroline (2019). Aspectos biopsicossociais no contexto da iniciação esportiva e do desenvolvimento infantil. In Conde, Erick et al. *Psicologia do esporte e do exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção* (pp. 65-85). Passavento.

Melo, Ana Carolina S. & Peduzzi, Luiz (2007). Contribuições da epistemologia bachelardiana no estudo da história da óptica. *Ciênc. Educ.* 13(1), 99-126. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132007000100007>

Weinberg, Robert & Gould, Daniel (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício* (6a ed). Artmed.

Worley, Justin, Harenberg, Sebastian, & Vosloo, Justine (2020). The relationship between peer servant leadership, social identity, and team cohesion in intercollegiate athletics. *Psychology of Sport and Exercise*, 49, 101712. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101712>

MATHEUS PINHEIRO

<https://orcid.org/0009-0008-3258-2371>

Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Rio de Janeiro/RJ. Professor em Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

E-mail: mtsylvapinheiro@hotmail.com

ALBERTO FILGUEIRAS

<https://orcid.org/0000-0002-6668-0606>

Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Rio de Janeiro/RJ. Central Queensland University, Cairns, QLD, Australia.

E-mail: albertofilgueiras@gmail.com

CARLOS EDUARDO NÓRTE

<https://orcid.org/0000-0002-4068-5126>

Doutor em Psiquiatria e Saúde Mental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro/RJ. Professor em Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: cadulsn@gmail.com

| | |
|---|--|
| Histórico | Submissão: 17/04/2024 Revisão: 13/08/2024 Aceite: 25/08/2024 |
| Contribuição dos autores | Conceitualização: MP Curadoria de dados: MP Análise formal: MP Investigação: MP Metodologia: MP Escrita original: MP; AF e CEN Escrita - revisão e edição: MP; AF e CEN |
| Financiamento | Não houve financiamento |
| Consentimento de uso de imagem | Não se aplica |
| Aprovação, ética e consentimento | O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa Número do Parecer: 5.587.656 CAAE: 60441722.9.0000.5282 |